

Estilo de ser, maneira de padecer e de construir

A respeito da histeria, da feminilidade e do masoquismo

Joel Birman

O elo entre masoquismo e histeria caracteriza as mulheres por uma imagem ligada à passividade. Será possível construir uma interpretação teórica e clínica para sair dos impasses que ele determina?

Nesta apresentação faremos o esboço de algumas hipóteses de trabalho sobre a histeria e o masoquismo em psicanálise, através da problemática da feminilidade. Nesta perspectiva, o discurso freudiano será nossa referência teórica fundamental para a leitura de certas questões de ordem clínica. As relações complexas existentes entre a histeria, o masoquismo e a feminilidade serão aqui evocadas segundo três movimentos bem distintos, apesar de suas articulações internas.

Inicialmente, focalizaremos os impasses com os quais Freud se deparou ao final de seu percurso, no

que se refere ao manejo transferencial da histeria, e principalmente, do masoquismo. Foi o que o levou a enunciar o conceito psicanalítico de *feminilidade* como decorrendo de um registro psíquico que seria ameaçador tanto para os homens como para as mulheres, indistintamente, e por esta mesma razão, como decorrendo de um registro autônomo.

Joel Birman é psicanalista, professor do Doutorado em Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e do Doutorado em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Este trabalho reproduz uma intervenção nas Jornadas do Espaço Analítico sobre "A Histeria Hoje", Paris, maio de 1995. Tradução: Marise Levy Wahrhaftig.

Através de um trabalho teórico paciente, mais especificamente pela leitura deste conceito, chegaremos a enfatizar a positividade dos processos psíquicos de *histericização*, segundo a interpretação que a psicanálise faz a este respeito, nos situando nos registros teórico e clínico.

Neste sentido, convém ressaltar o lugar quase impossível que Freud concede à sexualidade, tanto nos homens quanto nas mulheres, em função da pregnância que atribui ao falo na organização sexual do sujeito. Conseqüentemen-

esta apologia é marcada pelo fato de que o Brasil é nosso campo clínico de referência psicanalítica. De fato, a histericização traduz, em geral, a maneira de ser dos brasileiros. Mas, podemos também considerar as coisas de uma outra forma, em uma perspectiva de trabalho completamente diferente. Deste modo, poderemos pensar a positividade do *modo de ser histérico* das pessoas como a nítida revelação de uma presença viva da *erotização* na cultura brasileira. Paralelamente, a erotização se desvaneceria cada vez mais em certas culturas do Ocidente, como Freud¹ antecipa em uma hipótese de trabalho bem conhecida. Estas são, então, as grandes linhas deste trabalho.

em “Análise terminável e interminável”. Como enigma, Freud remete a feminilidade àquilo que denomina a rocha de origem: a rocha da castração³; esta, justamente com a recusa da feminilidade, seriam os obstáculos últimos do tratamento psicanalítico.

É neste contexto que Freud disse, desnortado, que não sabia mais o que era a neurose, nem tampouco quais seriam suas formas de cura em psicanálise⁴. Em contrapartida, enunciou positivamente que o tratamento psicanalítico se define efetivamente pelas relações de força em jogo na transferência, e que, finalmente, o confronto crucial seria ganho pelos “batalhões mais fortes”.

O fato de recorrer a uma linguagem militar para evocar os impasses do tratamento psicanalítico demonstra que Freud trabalhou um campo metafórico marcado por importantes ressonâncias provenientes da tradição do Ocidente: a relação tensa entre *guerra e política*. É preciso lembrar aqui que, nesta tradição, a guerra pode ser pensada seja como o prolongamento da política - como disseram Clausewitz, Hegel e Lênin - seja ao contrário, como marca da impossibilidade da política - e encontramos aqui a linha de pensamento de Nietzsche e Foucault.

De qualquer modo, colocando-nos numa ou noutra perspectiva, é àquilo com que Freud se deparou de forma trágica que se refere a oposição entre os registros da *palavra* e da *força*; dito de outra forma, a oposição radical entre o *bem dito* e o *confronto*. E o que se impôs tão drasticamente, no interior da metapsicologia freudiana, é a supremacia do ponto de vista econômico sobre os registros tópico e dinâmico.

Esta primazia da perspectiva econômica revela a dimensão de *indeterminismo* presente no psiquismo e na experiência psicanalítica. O indeterminismo em questão remete ao campo das pulsões e a seu estatuto de força constante agin-

A rocha da castração, juntamente com a recusa da feminilidade, seriam os obstáculos últimos do tratamento psicanalítico.

Entre o bem dito e o confronto

Pensar a problemática da histeria hoje levanta questões muito importantes, que se referem não apenas aos destinos dos histéricos - o que já é um grande problema em si - mas principalmente ao da psicanálise. Se pensarmos nos últimos escritos de Freud onde estão em questão as impossibilidades colocadas pelo tratamento das histéricas, percebemos que o que estava em causa se referia não apenas aos impasses relativos à histeria, mas também àqueles aos quais se confrontava a psicanálise enquanto forma de discurso teórico e modalidade de experiência clínica. A questão-chave aqui era o masoquismo. A tradição pós-freudiana da psicanálise compreendeu bem o alcance do impasse enunciado por Freud, para o bem ou para o mal.

Para bem circunscrever esta problemática, podemos dizer que com Freud a psicanálise iniciou-se enquanto saber e clínica centrados na histeria, e que ela desembocou no enunciado de um enigma. Mais especificamente, no *enigma da feminilidade*², tal como ele propôs

te, seremos conduzidos a desenhar o contorno do funcionamento psíquico do masoquismo no quadro desta configuração metapsicológica, para então repensar, no discurso freudiano, o sentido dos *masoquismos* erógeno, feminino e moral. Enfim, retomaremos o conjunto desta interpretação conceitual tomando por base a experiência psicanalítica, principalmente com o objetivo de esboçar a passagem do masoquismo à histericização no contexto trágico da transferência.

Finalmente, faremos um breve comentário para assinalar que todo este percurso teórico talvez constitua uma apologia da histeria e que

do sobre o psiquismo⁶, cujo poder ultrapassa de longe o de simples regente da ordem simbólica do psiquismo. Finalmente, é em direção a esta encruzilhada do indeterminismo que se encaminha a experiência psicanalítica, para o bem ou para o mal.

Este conjunto de questões articula-se em torno da problemática da feminilidade. Ora, a feminilidade se revela fundamental para os homens e mulheres. No mais, Freud diferenciou nitidamente o registro da feminilidade e o da sexualidade⁷. Estes

No elo mortífero entre a histeria e o masoquismo estão os obstáculos que impedem a psicanálise de sair do impasse.

são os termos dos principais obstáculos com os quais se confrontam a histeria e a psicanálise. Aliás, é por esta razão que a psicanálise, em sua totalidade, é passível de ser interpelada pela histeria, especificamente por ser a histeria a pedra de toque da psicanálise. É por esta razão que "Análise terminável e interminável" constitui uma espécie de testamento trágico de Freud, pois neste ensaio tudo foi colocado em questão com ousadia: nossos modelos de tratamento, nossas modalidades de escuta, e até mesmo nossos instrumentos de trabalho.

Contra este pano de fundo, duas figuras clínicas se esboçam e se impõem de forma decisiva: a histeria e

o masoquismo. No entanto, estas figuras se entrelaçam freqüentemente. Trata-se de procurar diferenciá-las bem, a fim de encontrar um caminho possível para contornar o obstáculo crucial evocado por Freud ao final de sua obra. É precisamente isto que confere toda a relevância ao atual debate sobre a histeria, pois é exatamente o fundamento da psicanálise que está em jogo.

As impossibilidades do se tornar mulher

Será preciso, portanto, considerar inicialmente, que os obstáculos com os quais Freud se deparou têm relações fundamentais com o masoquismo. Depois dele, o masoquismo se impôs como questão central na tradição psicanalítica, mas foi também estreitamente ligado à problemática da histeria. Um elo mortífero, e é este elo mortífero que é preciso romper de forma radical, pois é aí que se encontram os obstáculos que impedem a psicanálise de sair do impasse.

É preciso lembrar que este elo mortífero entre a histeria e o masoquismo aparece muito cedo na obra de Freud. O discurso freudiano construiu uma imagem das mulheres caracterizada pela passividade, pelo masoquismo e pela inveja do pênis⁸. Assim, a despeito do fato de Freud não ter assinalado a singularidade das mulheres no início de seu percurso, na medida em que representou o Édipo feminino como espelho do Édipo masculino, deulhes no entanto um rosto que permaneceu ao longo de sua obra. A suposta teoria da sexualidade feminina que Freud elaborou entre 1925 e 1932⁹ decorre de uma produção conceitual que visa articular os três traços evocados acima, traços que ele já havia assinalado no início de seu percurso teórico. E, apesar das nuances que introduziu mais tarde, sua teoria final da sexualidade fe-

minina permaneceu fundamentada em uma imagem desde muito cedo estabelecida em seu discurso.

De fato, com a formulação do conceito de organização genital infantil e o lugar estratégico que concede ao falo nesta fase¹⁰, Freud encontrou um argumento poderoso, por um lado, para justificar seu postulado do deslocamento do gozo clitoridiano para o gozo vaginal, e, por outro, para interpretar a inferioridade das mulheres e suas feridas narcísicas quase insuperáveis. Neste contexto, o se tornar mulher, coloca a jovem em posição de reivindicar - frente ao pai e aos homens em geral - uma criança/falo do sexo masculino¹¹, a fim de, especificamente, superar a ferida de sua condição feminina. Enfim, embora Freud tenha traçado três vias possíveis para o confronto das mulheres com sua castração - *a frigidez, a virilidade e a maternidade* - evidenciou *uma* única possibilidade efetiva para o se tornar mulher, a saber a maternidade.

O que surpreende na construção teórica do discurso freudiano é que ele coloca as mulheres em uma situação sem saída. Quer se trate da frigidez, da virilidade ou da maternidade, as mulheres sempre se situariam em uma posição de identificação fálica; existiria, então, somente o sexo fálico. A questão da diferença sexual torna-se neste sentido muito problemática, na medida em que o discurso freudiano coloca os homens em uma situação idêntica, apesar das satisfações imaginárias de que podem gozar pelo fato de serem os detentores do falo/pênis.

Concordamos com o historiador norte-americano Laqueur quando diz que Freud inventou o gozo vaginal. Do século XVI até Freud, a tradição do Ocidente sempre pensou que as mulheres sentiam o orgasmo pelo clitóris. Freud abalou esta tradição quando enunciou que a vagina era o órgão definitivo do gozo da mulher¹², e aqui levantou

um obstáculo *quase* insuperável para as mulheres, já que elas se encontrariam então em uma posição identificatória *quase impossível*.

No entanto, é preciso também lembrar que deste modo Freud manteve o estatuto das mulheres estabelecido no século XVIII, e segundo o qual elas seriam mães por natureza, sendo então a maternidade um traço de sua essência¹³. Não obstante, acrescentou que as mulheres deveriam ser mães por vocação libidinal, e por conseqüência, funcionar no espaço familiar e não no espaço público. O que ressalta disso tudo é que as mulheres teriam uma menor capacidade de sublimação que os homens, especificamente pelo fato de que não conheceriam, ao contrário destes últimos, a *angústia de castração*, mas apenas o *complexo de castração*. Conseqüentemente, seriam incapazes de construir um superego consistente, que lhes permitisse ter acesso completo à civilização e à sublimação.

Seria interessante neste ponto retomar H. Deutsch, que enunciou literalmente a conseqüência lógica do pensamento de Freud: ela afirma que a maternidade seria a forma pela qual a mulher pode ter acesso à sublimação e gozar assim, efetivamente, como mulher¹⁴. A partir de então, a mulher teria necessidade da maternidade para sublimar, sendo seu tipo de sublimação centrada na preocupação pelas crianças.

Neste sentido, segundo nossa hipótese fundamental de trabalho, a histericização seria a maneira por excelência pela qual as mulheres podem escapar efetivamente do masoquismo e da virilização, na medida em que é a histericização que coloca em questão e derruba a ordem fálica. Não podemos no entanto esquecer que este mesmo processo se refere aos homens, nos quais visa romper a falicização.

Sustentamos esta afirmação sobre Freud, quando, no ensaio sobre "O recalçamento", evoca as diferenças de estrutura entre a histe-

Existiria uma
positividade na
histeria enquanto
suporte de uma
possível perenidade
do desejo.

ria, a neurose obsessiva e a fobia. Assim a histeria permitiria um acesso mais direto ao desejo, já que mantém sempre uma relação viva com o corpo erógeno, ao contrário do que ocorreria com a neurose obsessiva e a fobia. Nesta perspectiva, existiria uma positividade da histeria enquanto suporte de uma possível perenidade do desejo. E tampouco foi por acaso que Lacan conferiu um lugar tão importante à histeria em seu seminário sobre "Os quatro discursos" - onde evocou, além do discurso do mestre, do analista e do universitário, o da histerica¹⁵ - na medida em que a histeria seria a forma pela qual o desejo se materializa literalmente no sujeito.

Evidentemente, convém ressaltar as articulações metapsicológicas presentes em Freud se quisermos dar uma consistência teórica a este tipo de leitura, razão fundamental para não se fazer afirmações arriscadas e arbitrarias. Podemos, a partir de então, retomar nossos comentários iniciais sobre os impasses que se apresentaram à psicanálise ao final do percurso freudiano.

Metapsicologia da feminilidade

Nosso ponto de partida é a *Metapsicologia* que Freud escreveu

nos anos quinze, e principalmente o ensaio "Pulsões e destinos das pulsões", onde deu uma autonomia ao conceito de *força pulsional* frente aos *representantes* das pulsões, de maneira a estabelecer uma ruptura teórica com o conceito de pulsão que ele tinha enunciado nos *Três ensaios sobre a teoria sexual*¹⁶. Esta operação teórica deu origem à dimensão de intensidade da força pulsional. Além disso, permitiu o impulso do ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana, frente aos registros tóxico e dinâmico. Foi assim que Freud antecipou o conceito de pulsão de morte dos anos vinte, o qual enunciou como sendo fundamentalmente uma pulsão sem representação¹⁷. Enfim, a idéia de pulsão como "exigência de trabalho" imposta ao psiquismo¹⁸ prolongou-se no sentido da pulsão como figuração da *negatividade* neste mesmo psiquismo.

Tudo isto se articula com o lugar que Freud havia atribuído à *repetição* na transferência, desde 1914¹⁹, através da qual pôde colocar em questão o estatuto da representação e da memória representacional, opondo-a então ao registro da plenitude de intensidade, no contexto da repetição no ato da transferência.

Podemos dizer aqui que, através da questão da força e da intensidade, Freud recolocou um problema que havia deixado de lado desde seu "Esboço de uma psicologia científica", e que sempre permaneceu presente em sua produção teórica dos anos noventa, a saber a questão do *excesso*. De fato, a solução representacional, que Freud desenvolveu em *A interpretação dos sonhos*, levantou também impossibilidades teóricas e clínicas para a psicanálise. Como ocorre inevitavelmente com o recalçado, são especificamente estas impossibilidades que ressurgem com força renovada através da repetição e das intensidades que marcam, por sua vez, a transferência no discurso freudiano.

No entanto, para dar uma positividade teórica às questões do excesso e da força pulsional, Freud viu-se obrigado a realizar a reelaboração teórica das questões do sujeito, do afeto e da angústia. Assim, na segunda parte de seu ensaio sobre as pulsões, Freud falou de uma nova figura do ego: o ego-real original²⁰. É preciso reconhecer que esta figura não existia no texto de 1911 - "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental" - onde a genealogia do sujeito constituía a problemática fundamental. Então, o ego-real original seria a contrapartida, no registro do sujeito, da força pulsional. De fato, da mesma forma que o ego-prazer seria regido pelo princípio do prazer e o ego-realidade pelo princípio de realidade, o ego-real original seria regido pelo princípio de Nirvana. E, embora Freud tenha enunciado este fato apenas em 1920²¹, já havia levantado sua exigência teórica nos anos quatorze e quinze.

Assim, o que caracteriza esta experiência psíquica original é a plenitude da intensidade pulsional, as dimensões do *corpo pulsional* e do objeto existindo simultaneamente e se misturando. Experiência esta, sem dúvida, *traumática* para o sujeito, mas que, em contrapartida, imprime ao psiquismo novas marcas. Além disso, este impacto constante da força pulsional tem o poder de causar uma reviravolta nas articulações psíquicas estabelecidas, pedindo então novos elos. Enfim, é o registro da *apresentação (Darstellung)* que se situa no primeiro plano da experiência psíquica, em oposição ao registro da *representação (Vorstellung)*, de modo a dar toda sua potência à negatividade no psiquismo.

Tudo isto se torna presente e atual no psiquismo pela experiência da *afetação*. O discurso freudiano trabalhou este ponto de maneira *paradoxal*. Se, por um lado, Freud pensou o afeto como sentimento, para inscrevê-lo no campo da consciência, por outro, pensou também como

sendo da ordem da quantidade, ao falar de *quantum* de afeto²².

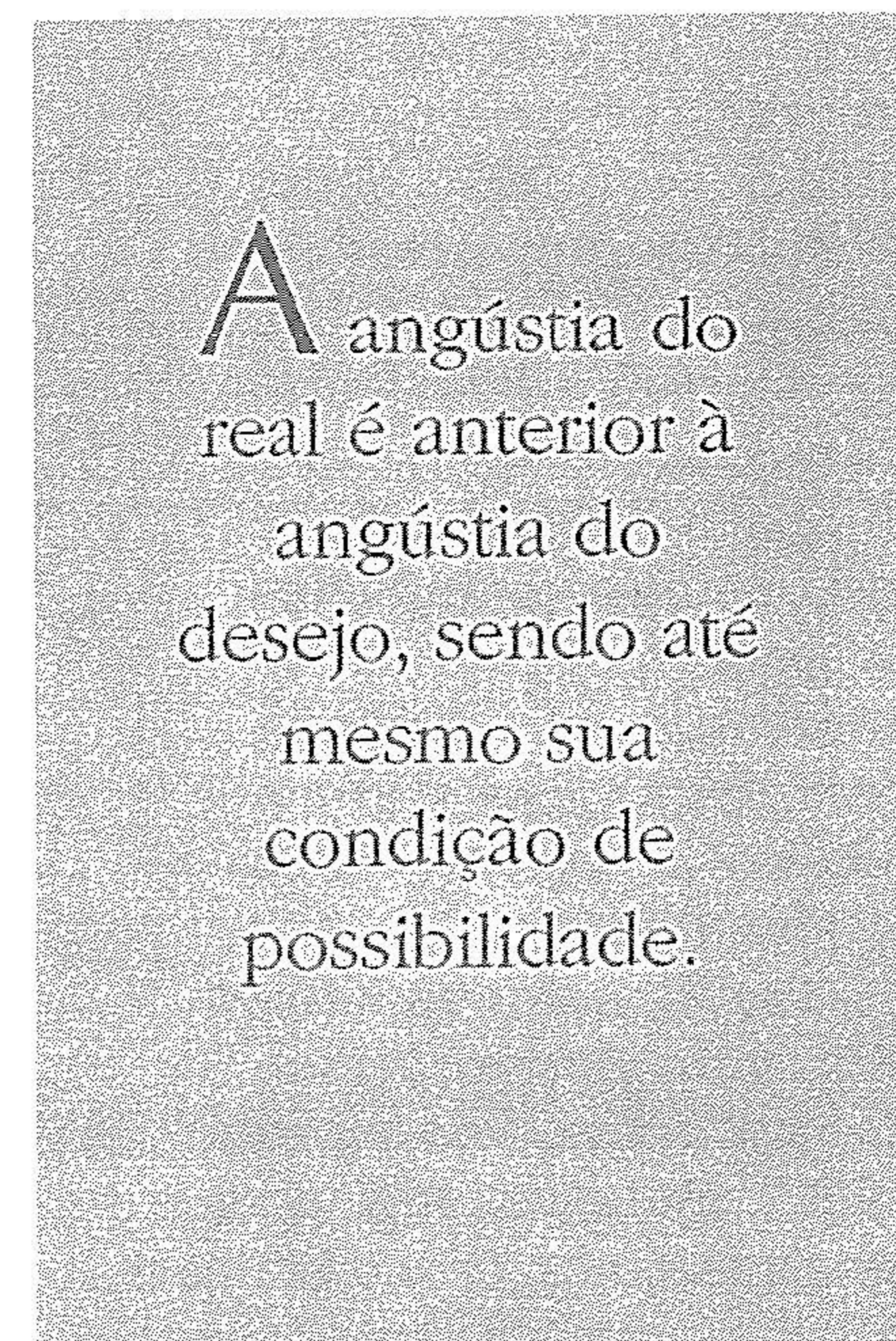
O paradoxo refere-se justamente a esta oscilação entre os registros da qualidade e da quantidade, usando sempre a linguagem do próprio Freud. No entanto, existe uma saída para este impasse, pois Freud se refere aqui à consciência-percepção e não à consciência proposicional que articula a representação-palavra e a representação-coisa²³. É neste sentido que o ego-real original é o lugar psíquico da apresentação e da experiência do afeto²⁴.

Contudo, é preciso esperar a nova teoria freudiana da angústia para considerar que o impacto das pulsões age enquanto angústia, e que esta se expressa no registro do ego-real original. Através desta construção original do sujeito, na qual não existe separação entre o sujeito e o Outro, Freud finalmente poderá criticar sua primeira teoria da angústia, fundada no recalçamento sexual. A partir de então, ele percebe a angústia-sinal como questão fundamental, para falar assim do sinal de angústia²⁵. Pelo impacto das pulsões, o ego original torna-se assim o abrigo da angústia do real. Neste ponto, Freud é muito claro: a angústia do real é anterior à angústia do desejo, sendo até mesmo sua condição de possibilidade.

Masochismo e sublimação

É neste quadro teórico - a força pulsional, o ego-real original, a repetição, a apresentação, o afeto e a angústia como figura do afeto por excelência - que podemos encontrar uma interpretação teórica e clínica que possibilite sair dos impasses associados à histeria e ao masochismo. Para uma melhor compreensão, é preciso dizer que é no registro do ego-real original, onde se constituem as novas marcas psíquicas e onde também intervêm a reviravolta dos elos estabelecidos, que a própria erotização se torna possí-

vel e se constituem novas formas de sublimação. Entretanto, para continuar nesta via, será necessário que nos desloquemos da primeira para a segunda teoria freudiana da sublimação. Assim a primeira enunciava que sublimar implicava na dessexualização da pulsão. Em outras palavras, existiria na pulsão sublimada uma mudança de alvo, porém sem transformação nem mudança do objeto²⁶. Em contrapartida, uma mudança de objeto se torna perceptível na segunda teoria da sublimação²⁷. Podemos pensar assim que o discurso freudiano enfatizou, no segundo momento, a *invenção* de novos objetos de investimento que permitam a manutenção da erotização no psiquismo.



Nesta perspectiva de leitura, a experiência da feminilidade aparece como uma maneira de produzir a erotização e de promover novas formas de sublimação. Assim, quando Freud diz no "Mal-estar na cultura" que as mulheres se opõem à civilização porque sempre exigem a erotização, parece estar se referindo à feminilidade, já que as mulheres e os homens encontram-se ligados à ordem da civilização por intermédio do falo.

É justamente neste ponto que reside nossa argumentação, pois é possível pensar que pode existir *ao mesmo tempo*, erotização e sublimação no registro psíquico da feminilidade, sem que esta sublimação conduza à dessexualização, ou até mesmo à homossexualização dos sujeitos. Podemos pensar aqui, particularmente, na leitura freudiana do elo social que encontramos em "Introdução ao narcisismo": ali Freud fala da homossexualização dos sujeitos solicitada pelos elos sociais²⁸, ou seja, da maneira pela qual os elos sociais conduzem ao desvanecimento da diferença sexual.

Portanto, trata-se aqui do registro fálico de ordem sexual. A experiência da plenitude da *afetação* é bem marcada pela erotização e pela abertura de novas possibilidades de sublimação, possibilidades que se apresentam no campo da transferência nos momentos cruciais da análise. Entretanto, se os homens e as mulheres se sentem igualmente ameaçados pela feminilidade, é que esta põe em questão o registro fálico da identificação.

Freud nomeou também *masoquismo primário*, ou ainda, *masoquismo erógeno*²⁹, este nível original da experiência psíquica. O que isto quer dizer? Em primeiro lugar, que neste registro psíquico a dor impõe-se ao sujeito a partir do momento em que a identificação fálica é colocada em questão. É por este aspecto que toda dimensão traumática da experiência se revela, e em seguida, no sentido oposto, que as dimensões da erotização e da sublimação também se impõem, já que são novas possibilidades que se abrem para o sujeito. Isto ainda quer dizer que o sujeito pode se inscrever no discurso de uma outra maneira, pois a partir de então passa a marcar seu

discurso pela ritmo do corpo erógeno, e, finalmente, que o masoquismo aparece como uma experiência da dor, porém uma experiência atravessada pela erotização e pelas novas formas de sublimação. Mas é preciso lembrar que o discurso freudiano evoca também a existência de um masoquismo feminino³⁰ e de um masoquismo moral³¹, além do masoquismo erógeno. No entanto, se as modalidades feminina e moral do masoquismo são bem fundamentadas no masoquismo erógeno, isto não quer dizer que as relações entre estas diferentes for-

No registro do masoquismo erógeno, junto à experiência de dor abrem-se novas possibilidades de erotização e de sublimação.

mas de masoquismo sejam lineares ou diretas, na medida em que não são inscritas no psiquismo no mesmo nível estrutural.

Parece-nos que no masoquismo feminino e no masoquismo moral o sujeito permanece preso à referência fálica que ele restabeleceu por completo. Por que, poderemos objetar? Porque deste modo o sujeito evita de maneira decisiva a experiência perturbadora da angústia. Então, ele atenua a angústia que o invade por intermédio da identificação fálica. A consequência disto é que o sujeito vai se afundar perigosamente no masoquismo para se proteger da angústia.

O masoquismo no ato psicanalítico

Nesta perspectiva de interpretação, a ruptura que se produz na experiência psicanalítica em relação ao masoquismo mantém como referência crucial os masoquismos feminino e moral. Entretanto, esta ruptura transforma o masoquismo em angústia do real, sendo portanto ela que dá à experiência psicanalítica seu caráter trágico.

Mas como ocorre esta ruptura trágica na transferência? Podemos traçar seus contornos mais importantes afirmando que ela se impõe ao sujeito pela intervenção de uma *explosão de violência*, explosão que o perturba momentaneamente na medida em que ultrapassa sua possibilidade de dominá-la. É através do impulso de histericização que ele vai poder reagir e escapar dos masoquismos moral e feminino. É claro que esta guinada na atitude masoquista se fundamenta na reviravolta da referência fálica e da passividade, que se apresenta na análise sob forma da explosão de violência que sobrevém na transferência, e também sob múltiplas formas de *acting-out*.

E já que todo este processo se inscreve na cena da transferência, é nela que o analista colocará em jogo sua astúcia. No entanto, ele não deverá considerar o modo pelo qual o analisando funciona como uma manifestação de destruição. Para a manutenção transferencial desta situação-limite da experiência psicanalítica, é preciso que efetivamente o analista seja simbolicamente castrado. Aqui está o pressuposto ético deste jogo transferencial.

Para delimitar bem este ponto, convém ressaltar algumas das diferentes formas estabelecidas, e bem conhecidas no campo psicanalítico, de confronto com esta situação limite, e que remetem a diferentes tradições doutrinárias. Seremos bem esquemáticos nesta caracterização,

sendo nossa intenção simplesmente definir a *direção* do processo psicanalítico e suas conseqüências:

1. *Culpabilização* ativa do analisando pelo analista. Neste movimento, tudo ocorre como se este solicitasse o poder fálico, enquanto, ao contrário, é a reviravolta fálica do sujeito que está em jogo na experiência. Agindo assim, parece no entanto que o analista impõe ao analisando, através do sentimento de culpa, o retorno à posição masoquista e a imposição de nela permanecer. Assim, ao se identificar ao analista todo-poderoso, o analisando

Reconhecer os limites do analista é castrá-lo simbolicamente, subvertendo o registro fálico da experiência analítica.

do volta a mergulhar no masoquismo e na falicidade. Esta forma de manejo transferencial é muito frequente nas tradições kleinianas e na psicologia do ego;

2. Um outro confronto é aquele em que o analista deve seduzir o analisando, convidando-o sistematicamente a manifestar agressividade, como se a expressão da agressividade fosse positiva e estruturante em si mesma. Assim, a mãe suficientemente boa, como a evocada por Winnicott (e algumas vezes por Dolto), pode funcionar enquanto sedução ativa através da qual o sujeito pode se deslocar do masoquismo para virilização. Isto constituiria, afinal, nada mais do que um novo rosto, ou mesmo uma maquiagem da falicização;

3. Finalmente, consideramos a operação da sedução tal como intervém na análise mútua da qual fala Ferenczi. Neste movimento, o analista exibe sua fragilidade desde o início da análise, na intenção de se apresentar ao analisando como não todo-poderoso. Porém este último permanecerá no quadro do masoquismo todo-poderoso na medida em que o analista não suporta nada. Aqui, o analisando torna-se o suporte do analista, forma suprema do gozo masoquista.

Parece-nos, ao contrário, que o manejo transferencial da violência exige que o analista seja *atingido* pelo analisando no *real* da transferência, podendo ser este último *percebido* e bem *reconhecido* pelo primeiro. No entanto, o analista não deveria culpabilizar o analisando, incitá-lo à violência ou seduzi-lo pela exibição de suas próprias feridas. Para isto, é preciso que ele reconheça que a violência em causa não é do registro da destruição. Enfim, poder perceber e ao mesmo tempo reconhecer os limites do analista é efetivamente castrá-lo e se deixar castrar simbolicamente, subvertendo assim o registro fálico da experiência analítica.

A partir de então, novos circuitos de erotização e novas formas de sublimação tornam-se possíveis. É esta histericização que executa a ruptura com os masoquismos moral e feminino, por intermédio da feminilidade e do masoquismo erógeno próprio do ego-real original. Através desta via psíquica e transferencial, a feminilidade aparece, portanto, como a forma por excelência que permite derrubar a falicidade mortífera das mulheres e dos homens.

Os destinos da histeria e o mal-estar da cultura

Poderemos dizer que esta breve exposição é uma apologia da histeria. É verdade. No entanto, para

fazer esta apologia de forma pertinente, é preciso diferenciar bem a histeria das formas mortíferas de masoquismo, a fim de dar à histericização todo seu alcance na experiência psicanalítica. Se for feita esta distinção entre a histeria e o masoquismo, a histericização pode então se apresentar como um eixo constitutivo do desejo. Diremos finalmente que existe uma positividade na alquimia desejante da histericização que é colocada em cena pela experiência psicanalítica.

Mas poderemos argumentar também que este elogio à histeria justifica-se ainda mais para alguém que esteja inscrito em uma cultura atravessada por traços histéricos notáveis. A cultura brasileira é por certo muito diferente da cultura européia e da tradição puritana da cultura norte-americana, por seus múltiplos contornos histéricos e suas formas patentes de erotização.

Lacan descreveu muito bem alguns traços desta forma de cultura presentes no Brasil, a qual é marcada pelo cristianismo, referindo-se à Itália e ao Barroco. Entre outras coisas e no seminário *Encore*³², Lacan enfatizou a importância que tem o gozo nesta modalidade de cultura. Neste ponto, concordamos com sua concepção, em particular no que se refere à articulação entre a experiência do gozo e a cultura barroca.

Além disso, encontramos no Brasil uma presença muito viva da tradição religiosa da possessão ritual, de origem africana. Tudo isto produz nos sujeitos relações ricas e complexas com seu corpo e com seu gestual. Na positividade das construções culturais, tudo isso é expressado através das festas, das diferentes formas de dança e música. Resumindo, existe no Brasil uma fusão muito particular entre as diferentes tradições religiosas do cristianismo e do paganismo africano, e isto contribuiu para o nascimento destas formas notáveis de histericização e de erotização da experiência do corpo.

Poderemos, portanto, argumentar que tal discurso psicanalítico se funda em um certo horizonte cultural, a partir de sua inserção no universo cultural brasileiro. É uma interpretação possível. Mas talvez ela encubra outras, mais interessantes e passíveis de desembocar em outras leituras da psicanálise atual.

Neste sentido, preferimos considerar esta leitura de Freud como resultante do “mal-estar na civilização”, no sentido freudiano do conceito. Para encerrar, assinalaremos portanto alguns traços marcantes de diferenciação a respeito do erotismo, tal como ele se apresenta na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, e que podem nos dar referências quanto aos diferentes destinos da histeria nessas culturas.

Então, para concluir, tentaremos pensar um pouco mais sobre tudo isso.

Uma imagem bem viva poderia dissipar um pouco a obscuridade desta problemática. Trata-se de um amigo europeu no Brasil, que também se dedica à profissão de psicanalista. Durante um período de férias no Rio de Janeiro ele observou as mulheres que passavam nas calçadas à beira das praias de Copacabana, Ipanema e Leblon, mas também os homens e sua aparência mais relaxada. Em seguida mencionou a erotização de toda esta *mise en scène*, principalmente pelo modo como as mulheres se apresentam - seu modo sensual de vestir, andar e se movimentar - e colocou em oposição ao que ele conhecia muito bem, pois sempre pôde observar na Europa e nos Estados Unidos, onde a erotização é quase inexistente no cotidiano. Finalmente, declarou: “Talvez na Europa e na América do Norte isto fosse visto como muito vulgar, mas esta é uma visão cheia de preconceitos”. E concluiu assim: “A via normalizadora das culturas européia e norte-americana produz uma dessexualização progressiva das pessoas, enquanto que a erotização ainda está presente no seu país”.

Concordamos com a sabedoria deste europeu. Pensamos que no Brasil a erotização ainda está presente no cenário social e nas construções culturais. Neste sentido, podemos formular a idéia de que a histeria, assim como a histericização, ainda é um *estilo de ser* no país. A histericização, porém, é igualmente um modo de padecer da dor da feminilidade, e por isso mesmo, uma *forma de construir* novas formas de sublimação.

É evidente que nossa leitura de Freud é profundamente marcada por todos estes aspectos. Em contrapartida, gostaríamos de dizer que a articulação mortífera da histeria com o masoquismo se impôs nas tradições culturais onde os processos sociais de normalização sexual impediram de tal maneira o erotismo que, em seguida, tornou-se quase impossível perceber as qualidades positivas da histeria. A dessexualização atingiu assim níveis tais que a histeria se tornou pura negatividade, ou ainda reivindicção fálica permanente.

É claro que isto modifica de maneira radical o jeito de ser da histeria em sua materialidade psíquica. Com a normalização do erotismo, ela perdeu sua potencialidade expressiva, nos níveis do corpo e da linguagem, e se transformou em seu contrário, para finalmente revestir os rostos da morte. As depressões incuráveis, as dissociações massivas e até mesmo as novas modalidades de patologia, ditas *borderline*, constituem os flagelos e os terrores que a dessexualização da histeria engendrou através da normalização do erotismo.

Para concluir, diremos ainda que a crise da psicanálise, a qual se instalou na Europa e Estados Unidos desde já alguns anos, tem uma relação fundamental com esta problemática da dessexualização e da normalização do erotismo. Se a histeria é fundamento da psicanálise, como enfatizamos no decorrer des-

ta exposição, não resta nenhuma dúvida de que os destinos da psicanálise e da histeria estão estreitamente entrelaçados. ■

NOTAS

1. S. Freud, "Le malaise dans la culture" (1930). *Oeuvres Complètes*. Psychanalyse, tome XVIII, Paris, PUF, 1994, p. 245-333.
2. S. Freud, "L'Analyse avec fin et l'analyse sans fin" (1937). *Résultats, idées, problèmes*, tome II, Paris, PUF, 1992, p. 268.
3. *Ibid.*, p. 268.
4. *Ibid.*
5. *Ibid.*, p. 255.
6. S. Freud, "Pulsions et destins des pulsions" (1915). *Métapsychologie*, Paris, Gallimard, 1968, p.13-19.
7. S. Freud, "L'analyse avec fin et l'analyse sans fin", p. 265-268.
8. S. Freud, *Trois essais sur la théorie sexuelle* (1905), Paris, Gallimard, 1987.
9. S. Freud, "Fragment d'une analyse d'hystérie (Dora)" (1905), *Cinq Psychanalyses*, Paris, PUF, 1995; "Quelques conséquences psychiques de la différence anatomique entre les sexes" (1925); "Sur la sexualité féminine" (1931); *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*, n°33, Gallimard, 1984.
10. S. Freud, "L'organisation génitale infantile" (1932), *La vie sexuelle*, op. cit.
11. S. Freud. "La féminité", *Nouvelles conférences*, p. 179.
12. T. Laqueur, *La fabrique du sexe. Essai sur le corps et le genre en Occident*, Paris, Gallimard, 1992, p. 269-282.
13. Op. cit., cap. IV e V, e também T. Laqueur, "Orgasm, Generation and the Politics of Reproductive Biology", in: T. Laqueur, C. Gallagher, *The making of modern body*, Berkeley, University of California Press, 1987.
14. H. Deutsch, *Psychanalyse des fonctions sexuelles de la femme* (1925), Paris, PUF, 1994.
15. J. Lacan, *L'envers de la psychanalyse*. Le Séminaire, Livre XVII, Paris, Seuil, 1991.
16. S. Freud, *Trois essais...*, p. 82-83.
17. S. Freud, "Le moi et le ça" (1923), in: *Essais de psychanalyse*, Paris, Gallimard, 1981.
18. S. Freud, "Pulsions et destins des pulsions", p. 17-20.
19. S. Freud, "Remémoration, répétition et élaboration" (1914), in: *La technique psychanalytique*, Paris, PUF, 1972.
20. "Pulsions et destins des pulsions", p. 31-43.
21. S. Freud, "Au-delà du principe du plaisir" (1920), in: *Essais de psychanalyse*, op. cit.
22. Ver a este respeito: "Le refoulement".
23. S. Freud, "L'inconscient" cap. VI.
24. Sobre isso, ver: Pacheco, D. *Onde estava o sujeito?* Dissertação de Mestrado, Teoria psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.
25. S. Freud, *Inhibition, symptôme etangoisse*. (1926), PUF, 1973.
26. S. Freud, "La morale sexuelle 'civilisée' et la maladie nerveuse des temps modernes" (1908), in: *La vie sexuelle*, op. cit. p. 33-34.
27. S. Freud, *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*, n° 32, op. cit. p. 131-132.
28. S. Freud, "Pour introduire le narcissisme", *La vie sexuelle*, p. 103-105.
29. S. Freud, "Le problème économique do masochisme" (1924), in *Névrose, psychose et perversion*, Paris, PUF, 1992, p. 287-292.
30. *Ibid.*, p. 289-290
31. *Ibid.*, p. 292-297
32. J. Lacan, *Encore*. Le Séminaire. Livre XX, Paris, Seuil, 1975, capítulo IX.